

Ocorrência da anta, *Tapirus terrestris* (Mammalia, Perissodactyla, Tapiridae), em João Pinheiro, Cerrado de Minas Gerais, Brasil.

Adriano Lima Silveira¹ & Sandro Aparecido Pacheco²

¹*Biótica Estudos Ambientais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: biosilveira@yahoo.com.br.*

²*E-mail: sandrodf83@hotmail.com.*

Abstract. Occurrence of tapir, *Tapirus terrestris* (Mammalia, Perissodactyla, Tapiridae), in João Pinheiro, Cerrado of Minas Gerais, Brazil. The tapir, *Tapirus terrestris*, is a species with great ecological importance and is currently Vulnerable on a global scale and in Brazil, and Endangered in the Cerrado and in Minas Gerais. We present new geographic records of tapir in the Cerrado, where there is a lack of species knowledge. We did field sampling with the active search (direct observations and traces) and camera trap methods. *Tapirus terrestris* was registered in 23 localities of 12 rural properties in the municipality of João Pinheiro, a Cerrado area in the Northwest of Minas Gerais with extensive natural remnants. The species has been found in several phytophysionomies and landscapes, especially in aquatic environments, including in natural lagoons. The main species local threats are the Cerrado suppression and fragmentation and the absence of legally protected areas in Conservation Units. From bibliographical revision the *T. terrestris* distribution was mapped to 15 other locations in Minas Gerais, besides other unconfirmed records. The set of *T. terrestris* localities records in the Municipality of João Pinheiro represents the largest continuous area of species occurrence in Minas Gerais, which requires an urgent creation of Conservation Units in João Pinheiro aiming at the tapir protection.

Key words: threatened species, geographic distribution, conservation, mammal, savanna.

Resumo. A anta, *Tapirus terrestris*, é uma espécie de grande importância ecológica e encontra-se atualmente Vulnerável em escala global e no Brasil, e Em Perigo no Cerrado e em Minas Gerais. São apresentados novos registros geográficos da anta no Cerrado, onde há carência de conhecimento sobre a espécie. Foram realizadas amostragens em campo com os métodos de busca ativa (observações direta e rastros) e armadilha fotográfica. *Tapirus terrestris* foi registrado em 23 localidades de 12 propriedades rurais no Município de João Pinheiro, área de Cerrado no Noroeste de Minas Gerais com extensos remanescentes naturais. A espécie foi encontrada em diversas fitofisionomias e paisagens, principalmente em associação com ambientes aquáticos, incluindo lagoas naturais. As principais ameaças locais à espécie são a supressão e fragmentação do Cerrado e a ausência de áreas legalmente protegidas em Unidades de Conservação. A partir de revisão bibliográfica a distribuição de *T. terrestris* foi mapeada para mais 15 localidades em Minas Gerais, além de outros registros não confirmados. O conjunto de localidades de registros de *T. terrestris* no Município de João Pinheiro representa a maior área contínua de ocorrência da espécie em Minas Gerais, o que aponta para a urgente necessidade de criação de Unidades de Conservação em João Pinheiro visando a proteção da anta.

Palavras-chave: espécie ameaçada, distribuição geográfica, conservação, mamífero, savana.

INTRODUÇÃO

A anta (ou anta-brasileira) *Tapirus terrestris* Linnaeus, 1758 (*Perissodactyla*, *Tapiridae*) é o maior mamífero terrestre neotropical (SEKIAMA *et al.*, 2006). A espécie originalmente apresentava uma ampla distribuição geográfica pela América do Sul, a leste dos Andes e a norte no Espinhal na Argentina, mas muitas populações foram severamente reduzidas e limitadas a biomas florestais e áreas pantanosas (NAVEDA *et al.*, 2008). *Tapirus terrestris* já foi extirpado da Caatinga, do Chaco Seco e de algumas áreas dos Andes e suas populações foram severamente reduzidas e fragmentadas em todo o Cerrado, onde limitaram-se a áreas protegidas, havendo ainda outras regiões de declínio (NAVEDA *et al.*, 2008).

No território brasileiro *Tapirus terrestris* foi considerado ameaçado de extinção na categoria Vulnerável (VU), em função da redução populacional ocorrida no passado e projetada para o futuro, bem como declínios na área de ocupação, extensão de ocorrência e qualidade do habitat, sobretudo na Mata Atlântica e no Cerrado (MEDICI *et al.*, 2012; MMA, 2014). Em escala global, a espécie também foi considerada Vulnerável (NAVEDA *et al.*, 2008). De acordo com avaliação específica no Cerrado, *T. terrestris* foi categorizado como Em Perigo (EN) no bioma (MEDICI *et al.*, 2012).

No Cerrado a principal ameaçada à anta é a enorme perda de habitat, além de consequente perda de qualidade de habitat, sendo que a espécie é encontrada somente em áreas preservadas e apenas 20% de suas populações têm

probabilidade de sobrevivência em longo prazo (MEDICI *et al.*, 2012). Em muitas áreas preservadas do bimoa a anta está ausente, como é o caso do Parque Nacional da Serra da Canastra, e não há certeza de sua presença em diversas outras localidades, onde há necessidade de verificação de ocorrência (MEDICI *et al.*, 2012).

Em Minas Gerais *Tapirus terrestris* foi categorizado como Em Perigo (EN), onde as principais ameaças a que está submentido são a destruição das áreas de vegetação nativa, caça ilegal e isolamento das populações (CHIARELLO *et al.*, 2008; COPAM, 2010). A distribuição potencial de *Tapirus terrestris* abrange todo o Estado de Minas Gerais (NAVEDA *et al.*, 2008), mas segundo CHIARELLO *et al.* (2008), no estado há ocorrência confirmada da anta em poucas Unidades de Conservação, além de raros registros externamente a essas áreas.

A anta é herbívora, sua dieta é composta principalmente por folhas e fibras, mas frutos também são um importante recurso alimentar (MEDICI *et al.*, 2012), sendo a espécie uma eficaz dispersora de sementes (OLMOS 1997). Uma vez que cumpre papéis vitais na estruturação das comunidades vegetais, a anta é referida como arquiteta dos ecossistemas, sendo considerada uma das duas espécies de mamíferos ecológica e economicamente mais importantes da região Neotropical (TABER *et al.*, 2008).

Tapirus terrestris habita uma diversidade de ambientes, incluindo florestas ripárias e florestas tropicais de baixas elevações, mas geralmente vive em ambientes florestais associados a

água (EISENBERG, 1989; BODMER & BROOKS, 1997; MEDICI *et al.*, 2012). A espécie é considerada normalmente dependente de floresta (NAVEDA *et al.*, 2008).

Em função da relevância ecológica de *Tapirus terrestris*, de seu estado de ameaça nacional e regional e da carência de conhecimento sobre sua distribuição atual, especialmente no Cerrado, no presente trabalho são apresentados registros confirmados de anta no Cerrado de Minas Gerais, sendo também relatadas observações de história natural e comentados aspectos de conservação.

MATERIAL E MÉTODOS

No presente trabalho, os registros apresentados são parte dos resultados de um estudo mais amplo de levantamento dos mamíferos de médio e grande porte no Município de João Pinheiro, no Noroeste do Estado de Minas Gerais (Figura 1).

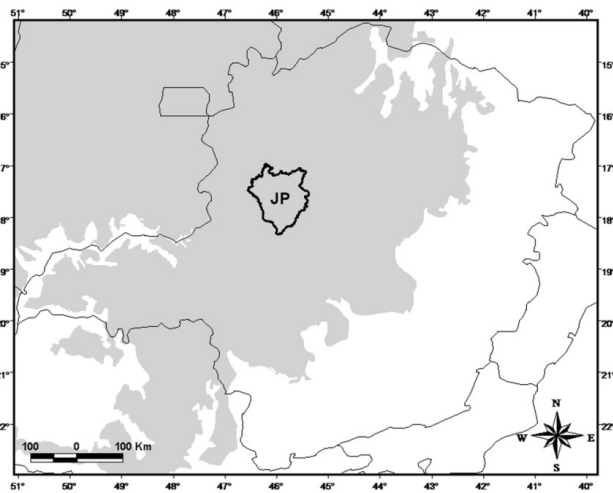


Figura 1. Localização geográfica do Município de João Pinheiro (JP) no Estado de Minas Gerais. Bioma Cerrado destacado em cinza.

João Pinheiro está inserido nos domínios do bioma Cerrado e abriga diversas fitofisionomias naturais, com remanescentes expressivos de Campo Limpo, Campo Sujo, Parque de Cerrado, Cerrado sentido restrito, Cerradão, Mata Seca, Mata Ciliar, Mata de Galeria, Vereda e Palmeiral, além de subtipos dessas feições (SILVEIRA & PACHECO, 2017; SILVEIRA & PACHECO, no prelo), de acordo com a classificação de RIBEIRO & WALTER (1998). As diversas fitofisionomias locais estão organizadas em quatro principais tipos de paisagem ou regiões ecológicas: várzeas, planícies, matas secas e chapadas, ocorrendo mosaicos de remanescentes naturais, pastagens artificiais e monoculturas. Tais paisagens são descritas com maior detalhe por SILVEIRA & PACHECO (no prelo). Apesar da diversidade da paisagem existente em João Pinheiro, não há Unidades de Conservação estaduais ou federais no município.

As amostragens em campo foram realizadas nas distintas paisagens descritas e contemplando a maioria das fitofisionomias locais.

No período de fevereiro de 2012 a janeiro de 2017 foram conduzidas amostragens aleatórias e não padronizadas de mamíferos em campo, em diversas localidades de João Pinheiro. Foram aplicados os métodos de busca ativa (ver esclarecimento em SILVEIRA & PACHECO, no prelo) e armadilha fotográfica automática (SRBEK-ARAÚJO & CHIARELLO, 2007; REIS *et al.*, 2010), sem contabilização do esforço amostral. Nas buscas ativas, os registros foram obtidos por observação direta dos animais e encontro de vestígios, que corresponderam a rastros (pegadas) e fezes. A identi-

cação taxonômica dos rastros foi auxiliada com o trabalho de BORGES & TOMÁS (2004). Durante deslocamento em veículos foram obtidos alguns registros fortuitos de animais atravessando estradas, os quais foram tratados como observação direta. Sempre que possível, animais ou seus rastros foram fotografados.

Em relação ao método de armadilha fotográfica, foram utilizadas quatro câmeras digitais, manejadas entre as áreas amostrais, programadas para funcionamento contínuo, com disparo sequencial de três fotos e intervalos de cinco segundos entre sequências. As câmeras foram



Figura 2. Armadilhas fotográficas (indicadas por setas) instaladas em João Pinheiro, Minas Gerais (Fotos de S. A. Pacheco e A. L. Silveira).

instaladas em distintos ambientes naturais, em trilhos de animais, pontos de dessedentação, outros locais propícios à passagem dos mamíferos, sob árvores frutíferas ou em pequenas clareiras abertas, sempre afixadas em troncos de árvores (Figura 2). Em frente às câmeras foram posicionadas iscas atrativas por olfato, correspondendo a frutas, sardinha em conserva e sal. Vistorias das câmeras ocorreram normalmente em intervalos quinzenais.

Durante as amostragens em campo foram realizadas observações qualitativas de história natural dos animais, especialmente em relação ao uso de habitat.

Por fim, procedeu-se a uma revisão da literatura científica abordando a distribuição geográfica de *Tapirus terrestris* em Minas Gerais, direcionada a registros mais recentes, para avaliação da relevância dos registros aqui apresentados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as amostragens realizadas em campo, foram obtidos registros de *Tapirus terrestris* em 23 localidades em 12 propriedades rurais do Município de João Pinheiro (Tabela 1, Figura 3). Os registros corresponderam a observações diretas de exemplares (Figura 4), fotos em armadilhas fotográficas (Figura 5), observação de rastros (pegadas e fezes) (Figura 6) e encontro de carcaças ou ossadas. Em todos os dados levantados por observação direta ou armadilha fotográfica, cada registro correspondeu a um exemplar de anta, com exceção de três fotos de armadilhas

que documentaram uma mãe e um filhote cada uma, respectivamente nas Fazendas Manga, Santa Cecília e Claros.

Tabela 1. Detalhamento dos registros de *Tapirus terrestris* (anta) e as respectivas localidades em João Pinheiro, Minas Gerais.

Localidade	Latitude	Longitude	Altitude (m)	Ambiente (fitofisionomia)	Registro
Fazenda Remanso do Rio Paracatu	17,164802° S	45,860589° O	514	Cerrado sentido restrito	Armadilha fotográfica
Fazenda Manga, borda de lagoa marginal na várzea do rio Paracatu	17,269359° S	46,411463° O	515	Mata Ciliar, lagoa marginal	Armadilha fotográfica e rastro
Fazenda Manga, borda de lagoa marginal na várzea do rio Paracatu	17,263841° S	46,462917° O	514	Mata Ciliar, lagoa marginal	Observação direta e rastro
Fazenda Manga, foz da Vereda da Anta na várzea do rio Paracatu	17,254546° S	46,387449° O	510	Mata de Galeria Inundável	Armadilha fotográfica
Fazenda Manga, próximo à Vereda da Anta	17,326304° S	46,390296° O	529	Cerradão em recuperação	Armadilha fotográfica
Fazenda Manga, rio Paracatu	17,271304° S	46,479900° O	516	Mata Ciliar, rio	Carcaça
Fazenda Santa Cecília, reserva de Cerrado	17,217486° S	46,232573° O	529	Cerrado sentido restrito	Armadilha fotográfica
Fazenda Santa Cecília, reserva de Cerrado	17,249596° S	46,228229° O	534	Cerrado sentido restrito	Armadilha fotográfica
Fazenda Santa Cecília, reserva de Cerrado	17,309280° S	46,260657° O	540	Cerradão	Armadilha fotográfica
Fazenda Santa Cecília, reserva de Cerrado	17,271736° S	46,245254° O	546	Cerrado sentido restrito	Rastro
Fazenda Santa Cecília, reserva de Cerrado	17,241777° S	46,264796° O	533	Cerrado sentido restrito	Rastro

Tabela 1. Continuação.

Localidade	Latitude	Longitude	Altitude (m)	Ambiente (fitofisionomia)	Registro
Fazenda Santa Cecília, vereda do rio Feio	17,225777° S	46,20767° O	510	Vereda, Campo Limpo Úmido, lagoa marginal	Rastro
Fazenda Santa Cecília, campina	17,381754° S	46,273263° O	544	Campo Sujo e lagoa de campina	Armadilha fotográfica e rastro
Fazenda Santa Cecília, estrada	17,325102° S	46,282196° O	539	Cerradão regenerado	Ossada
Estrada LMG 690	17,454883° S	46,454931° O	548	Cerradão	Observação direta
Fazenda Claros, borda de lagoa marginal na várzea do rio Paracatu	17,573622° S	46,439916° O	526	Mata Ciliar, lagoa marginal	Armadilha fotográfica
Fazenda Ouro Verde, próximo ao rio Feio	17,553483° S	46,278152° O	566	Eucaliptal em borda de Campo Sujo e Cerradão	Observação direta e rastro
Fazenda São Jerônimo, córrego Seco	17,627501° S	46,223945° O	602	Mata de Galeria não-Inundável	Observação direta e rastro
Fazenda Chapadinha, estrada próxima ao rio Caatinga	17,470893° S	46,020508° O	538	Cerradão	Observação direta
Rodovia MG 181, km 176	17,438677° S	46,077897° O	555	Eucaliptal em borda de Cerradão	Carcaça
Sítio Recanto das Águas, margem rio Caatinga	17,697636° S	46,019383° O	642	Mata Ciliar	Armadilha fotográfica
Fazenda Campo Alegre, estrada	17,922002° S	46,135475° O	817	Cerrado sentido restrito	Observação direta
Fazenda Reunidas Esperança	18,086736° S	45,847787° O	818	Cerrado sentido restrito	Rastro

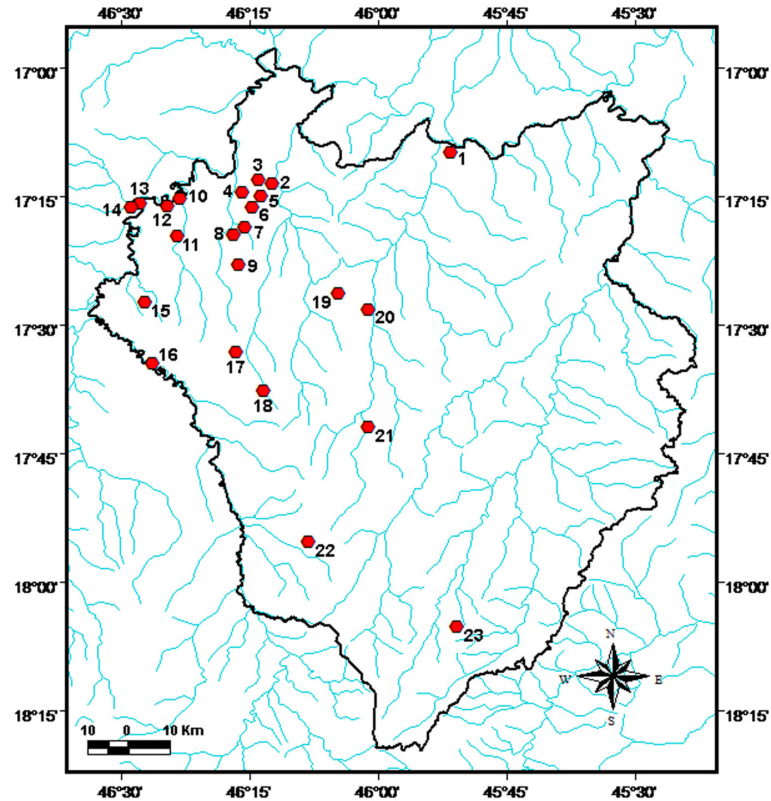


Figura 3. Localidades de registros de *Tapirus terrestris* no Município de João Pinheiro, em Minas Gerais. 1 – Fazenda Remanso do Rio Paracatu; 2 – Fazenda Santa Cecília, Vereda no rio Feio; 3 a 7 – Fazenda Santa Cecília, reserva de Cerrado; 8 – Fazenda Santa Cecília, estrada; 9 – Fazenda Santa Cecília, campina; 10 – Fazenda Manga, foz da Vereda da Anta na várzea do rio Paracatu; 11 – Fazenda Manga, próximo à Vereda da Anta; 12 e 13 – Fazenda Manga, borda de lagoa marginal na várzea do rio Paracatu; 14 – Fazenda Manga, rio Paracatu; 15 – estrada LMG 690; 16 – Fazenda Claros, borda de lagoa marginal na várzea do rio Paracatu; 17 – Fazenda Ouro Verde, próximo ao rio Feio; 18 – Fazenda São Jerônimo, córrego Seco; 19 – rodovia MG 181, km 176; 20 – Fazenda Chapadinha, estrada próxima ao rio Caatinga; 21 – Sítio Recanto das Águas, Margem do rio Caatinga; 22 – Fazenda Campo Alegre, estrada; 23 – Fazenda Reunidas Esperança.



Figura 4. Espécimes de *Tapirus terrestris* registrados na Fazenda Manga em João Pinheiro, Minas Gerais, por observação direta (fotos de S. A. Pacheco).



Figura 5. Espécimes de *Tapirus terrestris* registrados em João Pinheiro, Minas Gerais. Registros obtidos em armadilha fotográfica na Fazenda Manga (2 e 3), Fazenda Santa Cecília (1 e 5) e Sítio Recanto das Águas (6); registro por encontro direto na Fazenda Chapadinha (4) (foto de S. A. Pacheco).



Figura 6. Rastros de *Tapirus terrestris* registrados em João Pinheiro, Minas Gerais. Registro obtido no córrego Seco, Fazenda São Jerônimo: 1 - pegada dianteira (à direita) e pegadas traseiras sobrepostas (à esquerda); registros na Fazenda Santa Cecília: 2 e 3 – pegada dianteira, 4 – pegadas traseiras sobrepostas; registro na Fazenda Ouro Verde: 5 – pegadas traseiras sobrepostas; registro na Fazenda Manga: 6 – fezes (fotos de A. L. Silveira).

Há quatro subespécies reconhecidas de *Tapirus terrestris* (PADILLA & DOWLER, 1994). Os exemplares registrados em João Pinheiro foram identificados como *Tapirus terrestris terrestris* (Linnaeus, 1758), por apresentarem as seguintes características de coloração (Fig. 4): dorso castanho-escuro com orelha contornada de branco; tórax, ventre e membros castanho-escuros; crina negra; bochecha de cor grisalho e cinza; garganta cinza; pescoço marrom; queixo castanho-acinzentado (HERSHKOVITZ, 1954; PADILLA & DOWLER, 1994).

As localidades de ocorrência de *Tapirus terrestre* cobrem uma ampla área do município, os registros mais disjuntos estando distantes cerca de 51 km entre si. Uma vez que não há barreiras geográficas efetivas entre as localidades, a despeito da fragmentação do Cerrado local, e considerando a extensa área de vida da anta no Cerrado (Medici *et al.*, 2012), considera-se que os exemplares ocorrentes em todas as localidades correspondam provavelmente a uma mesma população.

Em João Pinheiro *Tapirus terrestre* foi encontrado em uma grande variedade de ambientes, em paisagens compostas por mosaicos de vegetação nativa do Cerrado e áreas de uso agropecuário. No entanto, todas as áreas de registro abrigam extensos remanescentes naturais ainda conservados, incluindo porções de vegetação regenerada. Seguindo-se a classificação de RIBEIRO & WALTER (1998), foram obtidos registros nas fitofisionomias de Mata Ciliar, Mata de Galeria Inundável, Mata de Galeria não-Inundável,

Cerradão, Cerrado sentido restrito (Denso, Típico e Ralo), Campo Sujo, Campo Limpo Úmido e Vereda (Figura 7), as quais compõem regiões ecológicas ou paisagens de várzeas de rios, campinas (denominação local dada aos campos naturais), matas secas e chapadas (ver descrição dessas regiões em Silveira & Pacheco, no prelo). A associação da anta a diversos ambientes florestais e savânicos do Cerrado já era conhecida (BODMER & BROOKS, 1997).

Outro aspecto relevante é que a maioria dos locais de registro correspondeu a margens de ambientes aquáticos ou sua proximidade, com destaque para lagoas marginais associadas a Mata Ciliar nas várzeas dos rios Paracatu (Fazenda Manga) e da Prata (Fazenda Claros), lagoas marginais associadas a Vereda na várzea do rio Feio (Fazenda Santa Cecília), lagoas de campinas (Fazendas Santa Cecília e Ouro Verde) e ambientes ripários de rios (Mata Ciliar, Mata de Galeria e Vereda) (Figura 8). Essas observações corroboram a associação da anta com ambientes aquáticos (MILLER, 1930; HERSHKOVITZ, 1954; BODMER & BROOKS, 1997).

Grande parte dos registros de *Tapirus terrestres* em João Pinheiro ocorreu ao longo de uma extensa planície situada a leste dos rios Paracatu e da Prata e a oeste da Serra da Maravilha e Chapadinha, e que abrange o rio Feio, a Vereda da Anta e outras drenagens. Esta região abriga os maiores e mais conservados remanescentes naturais das paisagens de várzea e campina de João Pinheiro e mostrou-se com área de grande relevância para a manutenção da população (ou



Figura 7. Algumas fitofisionomias de Cerrado utilizadas como habitat por *Tapirus terrestris* em João Pinheiro, Minas Gerais. 1 – Mata Ciliar do rio Caatinga no Sítio Recanto das Águas, 2 – Mata Ciliar do rio Paracatu na Fazenda Manga, 3 – Cerradão na Fazenda Ouro Verde, 4 – Cerrado sentido restrito na Fazenda Santa Cecília, 5 – Vereda do rio Feio na Fazenda Santa Cecília, 6 – Campo Limpo na Fazenda Santa Cecília (fotos de A. L. Silveira).



Figura 8. Alguns ambientes aquáticos lênticos utilizados como habitat por *Tapirus terrestris* em João Pinheiro, Minas Gerais. 1 – lagoa marginal (permanente) do rio Paracatu na Fazenda Manga, 2 – lagoa marginal (temporária) do rio Paracatu na Fazenda Manga, 3 – lagoa marginal (temporária) do rio Feio associada a Vereda na Fazenda Santa Cecília, 4 – lagoa (temporária) de campina na Fazenda Santa Cecília.

populações) de anta no município. Constatou-se que esses remanescentes ainda persistem porque correspondem a Áreas de Preservação Permanente e Reservas Legais de grandes fazendas de silvicultura locais, como é o caso da Santa Cecília e Manga. A mesma planície já havia sido destacada como relevante para a conservação de *Blastocerus dichotomus* (suçupara), *Tayassu pecari* (queixada) e *Pecari tajacu* (caititu) (SILVEIRA & PACHECO, 2017; SILVEIRA & PACHECO, no prelo), espécies também ameaçadas de extinção em Minas Gerais e no Brasil.

Os registros obtidos em armadilhas fotográficas permitiram identificar um padrão de atividade diurna e noturna de *Tapirus terrestris*. Segundo HERSHKOVITZ (1954), durante o dia a anta move-se entre florestas e arvoredos e durante a noite alimenta-se em áreas cobertas por gramíneas ou arbustos, pântanos, lagos e riachos (HERSHKOVITZ, 1954). Esses movimentos diários explicariam o padrão de atividade observada em campo.

Segundo HUSSON (1978), as migrações

diárias da anta resultam em trilhos bem marcados. De fato, uma grande quantidade desses caminhos foi observada nas áreas de ocorrência de anta em João Pinheiro, marcados ao longo de formações campestres e savânicas, interligando estradas e lagoas naturais, Veredas e várzeas de rios. A ausência de gado no local e os conspícuos rastros de anta permitiram confirmar que se tratavam de trilhos marcados por *Tapirus terrestris*. Tais caminhos são tão evidentes que puderam ser identificados em imagens de satélite (Fig. 9). Provavelmente esses trilhos são utilizados para deslocamento das antas entre diferentes e disjuntos sítios de alimentação ao longo da heterogênea paisagem do Cerrado local.



Figura 9. Imagem de satélite (© 2016 Google, Image © 2017 DigitalGlobe) evidenciando caminhos marcados por *Tapirus terrestris* (indicados por setas) ao longo de Cerrado sentido restrito, observados na Fazenda Santa Cecília em João Pinheiro, Minas Gerais. Fonte da imagem: Google Earth 7.1.8.3036.

Das ameaças à anta listadas para o Cerrado (MEDICI *et al.*, 2012), durante o estudo de

campo em João Pinheiro foram observadas as seguintes: desmatamento e/ou alteração do habitat, monoculturas, fragmentação do habitat, pequenas populações (em determinadas áreas), pecuária extensiva, caça, fogo e atropelamento em estradas, além de possível transmissão de doenças infecciosas provindas de animais domésticos. SILVEIRA & PACHECO (no prelo) apresentaram um maior detalhamento do histórico de ocupação do solo em João Pinheiro, destacando a constante e crescente supressão e fragmentação de habitats naturais, sendo que a paisagem atual no município corresponde a um mosaico bastante heterogêneo de pastagens, monoculturas, outros usos antrópicos do solo e remanescentes e fragmentos de vegetação nativa, grande parte secundária. A supressão de extensos remanescentes naturais do Cerrado corresponde à principal ameaça atual à anta em João Pinheiro, especialmente a implantação de grandes canais, tal como exemplificado por SILVEIRA & PACHECO (no prelo).

Com base em um substancial número de relatos de moradores das áreas rurais de João Pinheiro, percebeu-se que a caça à anta era mais intensa em décadas passadas, quando possivelmente contribuiu de forma mais relevante para a diminuição populacional da espécie, tendo sofrido uma diminuição atual. No entanto, espécimes de anta continuam sendo mortos pela caça, na maioria das vezes provavelmente de cunho esportivo. Em campo foram observadas raras evidências de caça atual, incluindo o encontro de uma anta morta no rio Paracatu com perfuração

atribuída a projétil (Fig. 10). No intervalo de uma década, foi possível observar o reaparecimento da anta em áreas onde a espécie era considerada inexistente, como por exemplo, na Fazenda São Jerônimo (observações dos autores). Diversos moradores de áreas rurais também relataram um sensível aumento na frequência de encontros com antas. Essas evidências permitem suspeitar que a diminuição da caça tem permitido um possível aumento populacional da anta em João Pinheiro, ainda que reduzido, a despeito da caça

continuar sendo uma ameaça local à espécie e da expressiva diminuição populacional sofrida no passado. De modo semelhante, SILVEIRA & PACHECO (2017) observaram que a caça no passado teria sido mais relevante para a diminuição populacional de *Blastocerus dichotomus* em João Pinheiro.

Em campo também se documentou o atropelamento de antas em rodovias e estradas do município, com o encontro de uma carcaça e uma ossada na margem das vias (Figura 10). Ainda podem ser mencionadas as injúrias atribuídas a cortes em cercas de arames farpados. Grandes cortes e cicatrizes longitudinais em diversas partes do corpo foram observadas na maioria dos exemplares de anta fotografados em armadilhas fotográficas (Figura 4 esquerda, Figura 5.3). Em campo observou-se que nos locais onde os trilhos de anta transpunham cercas de arame farpado nas fazendas, havia marcas no solo indicando que as antas se arrastavam sub as cercas, além de tufo de pelos presos nos arames e fios de arame arrebatados. Essas evidências levaram à conclusão de que as antas cortavam-se ao transpor as cercas de arame farpado. Não se sabe os malefícios que essas injúrias estão causando às antas que habitam a área do estudo, mas a presente observação aponta a necessidade de uma atenção a esta questão.

Diante das diversas ameaças à anta exemplificadas, entretanto, a mais relevante ameaça no município é a ausência de Unidades de Conservação estaduais ou federais que possam garantir a proteção de grandes remanescentes,



Figura 10. Registros de ameaças à anta obtidos em João Pinheiro. 1 – exemplar encontrado morto no rio Paracatu com perfuração (indicado por seta) atribuída a projétil de arma de fogo, decorrente de caça; 2 – exemplar encontrado morto por atropelamento à margem da rodovia MG 181.

necessários à manutenção das populações da espécie.

A partir de revisão bibliográfica, foram levantados registros recentes de *Tapirus terrestris* no Estado de Minas Gerais, sendo mapeados apenas aqueles considerados seguros, preferencialmente comprovados por evidências. Foram obtidos registros nas seguintes áreas em zona de transição entre Cerrado e Caatinga: Parque Nacional (P. N.) Cavernas do Peruaçu (IBAMA, 2005a; CHIARELLO *et al.*, 2008), Parque Estadual (P. E.) da Mata Seca (CHIARELLO *et al.*, 2008; MEDICI *et al.*, 2012) e P. E. Verde Grande (MEDICI *et al.*, 2012); nas seguintes áreas de Cerrado: P. N. Grande Serção Veredas (IBAMA & FUNATURA, 2003; CHIARELLO *et al.*, 2008), P. E. da Serra das Araras (IEF & FUNATURA 2005; CHIARELLO *et al.*, 2008), P. E. Veredas do Peruaçu (FERREIRA *et al.*, 2011), P. N. das Sempre Vivas (CHIARELLO *et al.*, 2008; LESSA *et al.*, 2008; ICMBIO, 2016), P. E. da Serra do Cabral (IEF, 2013), P. E. do Rio Preto (CHIARELLO *et al.*, 2008; LESSA *et al.*, 2008), Fazenda Três Rios em Unaí (LESSA *et al.*, 2012) e Fazenda Brejão em Brasilândia de Minas (VIEIRA *et al.* 2005; CHIARELLO *et al.*, 2008); nas seguintes áreas de Mata Atlântica: Fazenda Limoeiro em Almenara (CHIARELLO *et al.*, 2006; CHIARELLO *et al.*, 2008), P. E. do Rio Doce (SCOSS *et al.*, 2004; CHIARELLO *et al.*, 2008; KEESSEN *et al.*, 2016) e P. N. do Caparaó (ICMBIO, 2015); e também na Reserva Particular no Patrimônio Natural Santuário do Caraça (MORAES JR. *et al.*, 2003; CHIARELLO *et al.*, 2008; TALAMONIA & ASSIS, 2009; PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, 2013), uma área de transição entre o

Cerrado e a Mata Atlântica (Figura 11).

Na Estação Ecológica de Pirapitinga em Três Marias, uma ilha de Cerrado na Represa de Três Marias em Minas Gerais, foi relatada a presença de *Tapirus terrestris* há duas décadas (AZEVEDO *et al.* 1987), mas a espécie não foi mais registrada em pesquisas posteriores (ICMBIO, 2013).

A partir de dados levantados em processos de licenciamento ambiental, PEREIRA *et al.* (2016) relataram a ocorrência de *Tapirus terrestris* nos municípios de Unaí, Paracatu, Brasilândia de Minas, João Pinheiro, Lagoa Grande, Guarda-Mor, Lagamar e Presidente Olegário, todos situados no Noroeste de Minas Gerais. Os autores forneceram coordenadas geográficas de 10 registros em sete desses municípios, no entanto nenhuma das coordenadas corresponde aos respectivos municípios a que foram relacionadas. Os autores também apresentaram dois mapas de distribuição geográfica dos mesmos registros, mas os pontos não são correspondentes entre os mapas. Como localidades mais específicas não foram mencionadas, não foi possível ratificar os registros. Consequentemente, os dados apresentados por PEREIRA *et al.* (2016) foram considerados inseguros e não são replicados no presente trabalho.

No conjunto de dados que subsidiou o documento de DRUMMOND *et al.* (2005), é citada a ocorrência de *Tapirus terrestris* nas áreas denominadas como Região de Manga / Missões, Jaíba, Veredas de Botumirim e Parque Nacional

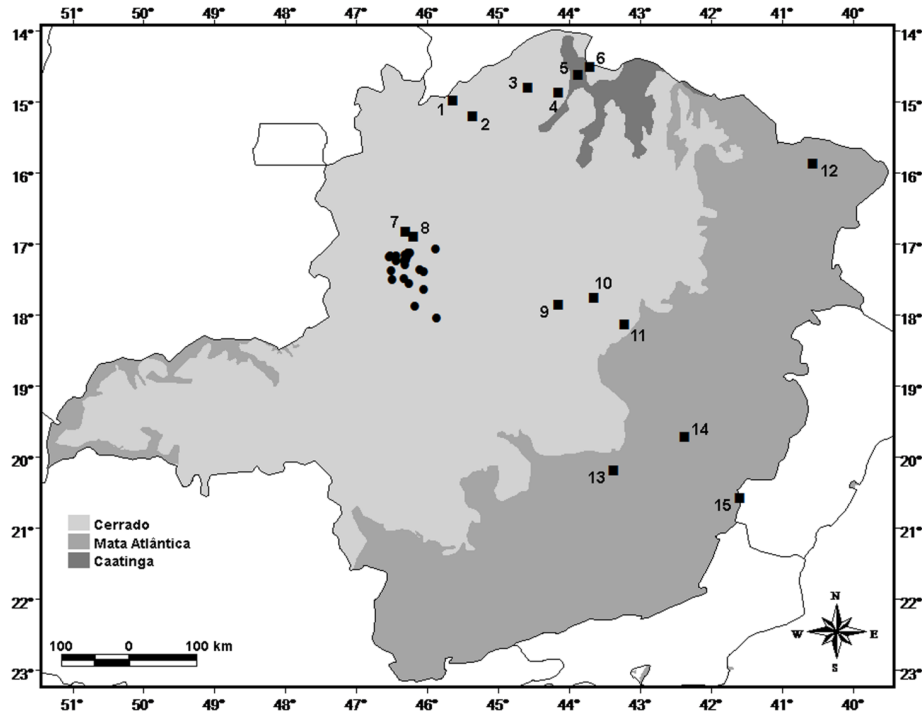


Figura 11. Distribuição geográfica de *Tapirus terrestris* em Minas Gerais com base em recentes registros confirmados ou considerados seguros. Círculos: novos registros obtidos em João Pinheiro (vide mapa detalhado na Fig. 3). Quadrados: registros prévios: 1 – Parque Nacional (P. N.) Grande Sertão Veredas, 2 – Parque Estadual (P. E.) da Serra das Araras, 3 – P. E. Veredas do Peruaçu, 4 – P. N. Cavernas do Peruaçu, 5 – P. E. da Mata Seca, 6 – P. E. Verde Grande, 7 – Fazenda Três Rios em Unaí, 8 – Fazenda Brejão em Brasilândia de Minas, 9 – P. E. da Serra do Cabral, 10 – P. N. das Sempre Vivas, 11 – P. E. do Rio Preto, 12 – Fazenda Limoeiro em Almenara, 13 – Reserva Particular do Patrimônio Natural Santuário do Caraça, 14 – P. E. do Rio Doce, 15 – P. N. do Caparaó.

do Itatiaia / Parque Estadual Serra do Papagaio (FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS, 2017). No entanto, há necessidade de confirmação desses registros com base em evidências. A ocorrência da espécie no Jaíba também é citada por OLIVEIRA *et al.* (2003) e OLIVEIRA (2014), novamente sem menção a evidências. Sobre o P. N. do Itatiaia, AXIMOFF *et al.* (2015) não registraram *T. terrestris* em um levantamento de longa duração conduzido na porção do parque no Estado do Rio de Janeiro, e comentaram que a espécie já era apontada como provavelmente extinta há muitas décadas.

Em publicação do Instituto Estadual de Florestas sobre a fauna nas Unidades de Conservação de Minas Gerais (ALMEIDA, 2011), foram mapeadas ocorrências de *Tapirus terrestris* em 17 Unidades de Conservação: P. N. Cavernas do Peruaçu, P. E. Veredas do Peruaçu, P. E. Serra das Araras, Reserva Biológica do Jaíba, Área de Proteção Ambiental (APA) Lajeado, APA Serra do Sabonetal, APA Pandeiros, P. N. das Sempre Vivas, P. E. da Serra do Cabral, P. E. do Rio Preto, P. E. do Rio Doce, Floresta Estadual Uaimii, P. E. do Itacolomi, P. N. do Caparaó, P. N. da Serra da Canastra, P. E.

da Serra do Papagaio e APA Fernão Dias. Segundo ALMEIDA (2011) os dados apresentados provêm de uma compilação de relatórios técnicos, planos de manejo de Unidades de Conservação e outros estudos, não sendo especificadas as fontes de registros, tão pouco as evidências que os comprovem. Conseqüentemente, há necessidade de confirmação dessas ocorrências, as quais foram aqui consideradas pouco seguras.

Dessas 17 unidades, como já mencionado anteriormente, considerou-se a ocorrência de *Tapirus terrestris* no P. N. Cavernas do Peruaçu, P. E. Veredas do Peruaçu, P. E. Serra das Araras, P. N. das Sempre Vivas, P. E. da Serra do Cabral, P. E. do Rio Preto, P. E. do Rio Doce e P. N. do Caparaó. Por outro lado, no Parque Nacional da Serra da Canastra a anta já era relatada como rara há quatro décadas e foi considerada localmente extinta (IBAMA, 2005b), e em relação ao Parque Estadual do Itacolomi, MELO *et al.* (2009) consideraram *T. terrestris* como possivelmente extinta em sua região. Acerca das demais unidades mencionadas por ALMEIDA (2011), não foram encontradas confirmações da ocorrência recente de *T. terrestris*.

Uma vez que não se objetivou uma revisão detalhada da distribuição geográfica da espécie, certamente o levantamento bibliográfico não contemplou todos os registros disponíveis em literatura. No entanto, a distribuição geográfica levantada corresponde a uma aproximação da distribuição atual da anta em Minas Gerais (Fig. 11). Além de João Pinheiro, constatou-se que *Tapirus terrestris* ocorre em algumas áreas com grandes remanescentes naturais em Minas Gerais, a

maioria correspondendo a Unidades de Conservação, além de raras ocorrências em propriedades rurais. Dentre os dados levantados, o conjunto de localidades de registros de *T. terrestris* no Município de João Pinheiro representa a maior área contínua de ocorrência da espécie no estado, a qual surpreendentemente não se encontra protegida em qualquer Unidade de Conservação. Conclui-se que os registros aqui apresentados em João Pinheiro representam um relevante acréscimo ao conhecimento da distribuição geográfica de *T. terrestris* em Minas Gerais e no Cerrado.

Assim como apontado para *Blastocerus dichotomus*, *Tayassu pecari* e *Pecari tajacu* (SILVEIRA & PACHECO, 2017; SILVEIRA & PACHECO, NO PRELO), também em relação a *Tapirus terrestris* há urgente necessidade de criação de Unidades de Conservação em João Pinheiro, preferencialmente de proteção integral e contemplando grandes remanescentes naturais de Cerrado, para que a perpetuação da espécie seja garantida no município.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fazenda Manga pela permissão do estudo em sua propriedade; a Francisco Geraldo Trajano, Paulo Afonso D. Silveira, João Batista do Couto e Fernando R. Amaral por permitirem a realização do estudo respectivamente na Fazenda Claros, Fazenda Remanso do Rio Paracatu, Fazenda Ouro Verde, e Sítio Recanto das Águas; a Ernane Vieira, pela permissão de acesso à Fazenda Santa Cecília; à Votorantim S.A., nas pessoas de Adriano Soares, Grazielle Silva e

Amanda Bonfim, e à Mosaico Estudos e Projetos, na pessoa de Thiago Mansur, por permitirem uso de dados levantados em estudo de campo na Fazenda Santa Cecília; a Crisnária C. L. Teixeira e José Henrique P. dos Santos pelo apoio nas amostragens de campo; a Maria Dalva de Lima Silveira pela leitura e correções do manuscrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S. A. C. (org.). 2011. **Atlas da Fauna em Unidades de Conservação do Estado de Minas Gerais: Volume 1 – Mastofauna**. Belo Horizonte, Instituto Estadual de Florestas, 284 p.
- AXIMOFF, I.; SPENCER, C. & VAZ, S. M. 2015. Mamíferos de médio e grande porte no Parque Nacional do Itatiaia. **Parque Nacional do Itatiaia, Boletim 19**: 1-56.
- AZEVEDO, L. G.; BABOSA, A. A. A.; OLIVEIRA, A. L. C.; GORGONIO, A. S.; BEDRECHUK, A. C.; SIQUEIRA, F. B.; RIZZO, H. G.; SILVA, I. S.; MOURA, L. C.; ARAÚJO FILHO, M. & SANTOS, R. V. 1987. **Ensaio Metodológico de Identificação e Avaliação de Unidades Ambientais: a Estação Ecológica de Pirapitinga, MG**. Brasília, Secretaria Especial do Meio Ambiente / Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 58 p.
- BODMER, R. E. & BROOKS, D. M. 1997. Status and action plan of the lowland tapir (*Tapirus terrestris*), pp. 46-56. *In*: Brooks, D. M. BODMER, R. E. & MATOLA, S. (orgs). **Tapirs: status survey and conservation action plan**. Gland / Switzerland / Cambridge, IUCN/SSC Tapir Specialist Group.
- BORGES, P. A. & TOMÁS, W. M. 2004. **Guia de Rastros e Outros Vestígios de Mamíferos do Pantanal**. Corumbá, Embrapa Pantanal, viii+139 p.
- CHIARELLO, A. G.; AGUIAR, L. M. S.; GREGORIN, R.; HIRSCH, A.; MELO, F. L.; PAGLIA, A. P. & RODRIGUES, F. H. G. 2008. Mamíferos ameaçados de extinção em Minas Gerais. *In*: DRUMMOND, G. M.; MACHADO, A. B. M.; MARTINS, C. S.; MENDONÇA, M. P. & STEHMANN, J. R. (eds.). **Listas Vermelhas das Espécies da Fauna e da Flora Ameaçadas de Extinção em Minas Gerais**. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas, publicação digital.
- CHIARELLO, A. G.; MELO, F. R. & OLIVEIRA, P. A. 2006. Mamíferos das áreas prioritárias dos rios Jequitinhonha e Mucuri, pp. 194-228. *In*: PINTO, L. P. S. & BEDE, L. C. (orgs.). **Biodiversidade e Conservação nos Vales dos Rios Jequitinhonha e Mucuri**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 244 p.
- COPAM, 2010. Deliberação Normativa Copam nº 147, de 30 de abril de 2010: Aprova a Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Política Ambiental. Disponível em: <http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=13192>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- DRUMMOND, G. M.; MARTINS, C. S.; MACHADO, A.

- B. M.; SEBAIO, F. A. & ANTONINI, Y. (orgs.). 2005. **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação. 2 ed.** Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas, 222 p.
- EISENBERG, J. F. 1989. **Mammals of the Neotropics: the Northern Neotropics. Volume 1: Panama, Colombia, Venezuela, Guyana, Suriname, French Guiana.** Chicago, University of Chicago Press, x + 449 p.
- FERREIRA, G. B.; OLIVEIRA, M. J. R.; MORAES JUNIOR, E. A.; SILVA, J. A. & RODRIGUES, F. H. G. 2011. Mamíferos de médio e grande porte do Parque Estadual Veredas do Peruaçu: riqueza, composição e estratégia de conservação. **MG. Biota 4** (2): 6-19.
- FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS. 2017. Áreas Prioritárias para a Conservação de Mamíferos de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.biodiversitas.org.br/atlas/mapamamiferos.asp>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- HERSHKOVITZ, P. 1954. Mammals of northern Colombia. Preliminary report no. 7: tapir (genus *Tapirus*), with a systematic review of American species. **Proceedings of the United States National Museum 103**: 465-496.
- HUSSON, A. M. 1978. The mammals of Suriname. **Zoologische Monographien, Rijksmuseum van het Natuurlijke Historie 2**: 1-569.
- IBAMA. 2005a. **Plano de Manejo: Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Volume I: Encartes 1, 2 e 3.** Brasília, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, xxxiii+8+86+134+456 p.
- IBAMA. 2005b. **Plano de Manejo: Parque Nacional da Serra da Canastra.** Brasília, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 799 p.
- IBAMA & FUNATURA. 2003. **Plano de Manejo: Parque Nacional Grande Sertão Veredas.** Brasília, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis / Fundação Pró-Natureza, 428 p.
- ICMbio. 2013. **Plano de Manejo: Estação Ecológica de Pirapitinga.** Brasília, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 216 p.
- ICMbio. 2015. **Plano de Manejo: Parque Nacional do Caparaó.** Brasília, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, xx+517 p.
- IEF. 2013. **Plano de Manejo PESC. Encarte 1: Diagnóstico do Parque Estadual da Serra do Cabral. Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Cabral.** Belo Horizonte, Instituto Estadual de Florestas, 386 p.
- IEF & FUNATURA. 2005. **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra das Araras.** Brasília, Instituto Estadual de Florestas / Fundação Pró-Natureza, 165 p.
- KEESEN, F.; NUNES, A. V. & SCOSS, L. M. 2016. Updated list of mammals of Rio Doce State Park, Minas Gerais, Brazil. **Boletim do Mu-**

- seu de **Biologia Mello Leitão, Nova Série** **38** (2): 139-162.
- LESSA, L. G.; ALVES, H.; GEISE, L. & BARRETO, R. M. F. 2012. Mammals of medium and large size in a fragmented cerrado landscape in northeastern Minas Gerais state, Brazil. **Check List** **8** (2): 192-196.
- LESSA, L. G.; COSTA, B. M. A.; ROSSONI, D. M.; TAVARES, V. C.; DIAS, L. G.; MORAES JÚNIOR, E. A. & SILVA, J. A. 2008. Mamíferos da Cadeia do Espinhaço: riqueza, ameaças e estratégias para conservação. **Megadiversidade** **4** (1-2): 218-232.
- MEDICI, E. P.; FLESHER, K.; BEISIEGEL, B. M.; KEUROGLIAN, A.; DESBIEZ, A. L. J.; GATTI, A.; PONTES, A. R. M.; CAMPOS, C. B.; TÓFILO, C. F.; MORAES JUNIOR, E. A.; AZEVEDO, F. C.; PINHO, G. M.; CORDEIRO, J. L. P.; SANTOS JÚNIOR, T. S.; MORAIS, A. A.; MAGNINI, P. R.; RODRIGUES, L. F. & ALMEIDA, L. B. 2012. Avaliação do risco de extinção da anta brasileira *Tapirus terrestris* Linnaeus, 1758, no Brasil. **Biodiversidade Brasileira** **2** (3): 103-116.
- MELO, F. R.; OLIVEIRA, A. F.; SOUZA, S. M. & FERRAZ, D. S. 2009. A fauna de mamíferos e o plano de manejo do Parque Estadual do Itacolomi, Ouro Preto, Minas Gerais. **MG. Biota** **1** (6): 18-41.
- MILLER, F. W. 1930. Notes on some mammals of southern Mato Grosso, Brazil. **Journal of Mammalogy** **11**: 10-22.
- MMA. 2014. Portaria nº 444, de 17 de dezembro de 2014: Anexo 1: Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção. Brasília, Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=121&data=18/12/2014>. Acesso em: 10 mai. 2017.
- MORAES JR., E. A.; SILVA, J. A. & FREITAS, R. L. A. 2003. Camera trapping reveals the status of lowland tapir *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758) in a private natural reserve in Southeastern Brazil. **Tapir Conservation** **12** (1): 7-8.
- NAVEDA, A.; THOISY, B.; RICHARD-HANSEN, C.; TORRES, D. A.; SALAS, L.; WALLANCE, R.; CHALUKIAN, S. & BUSTOS, S. 2008. *Tapirus terrestris*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T21474A9285933. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T21474A9285933.en>. Acesso em: 10 mai 2017.
- OLIVEIRA, J. A. 2014. Diversidade de mamíferos e o estabelecimento de áreas prioritárias para a conservação do bioma Caatinga, pp. 284-282. *In*: Silva, J. M. C; Tabarelli, M.; Fonseca, M. T. & LINS, L. V. (org.). **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente / Universidade Federal de Pernambuco, 382 p.
- OLIVEIRA, J. A.; GONÇALVES, P. R. & BONVICINO, C. R. 2003. Mamíferos da Caatinga, pp. 275-333. *In*: LEAL, I. R.; TABARELLI, M. & SILVA,

- J. M. C. (eds.). **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife, Editora Universitária da UFPE, 822 p.
- OLMOS, F. 1997. Tapirs as seed dispersers and predators, pp. 3-9. *In*: BROOKS, D. M.; BODMER, R. E. & MATOLA, S. (eds.). **Tapirs: status survey and conservation action plan**. Gland / Switzerland / Cambridge, IUCN/SSC Tapir Specialist Group.
- PADILLA, M. & DOWLER, R. C. 1994. *Tapirus terrestris*. **Mammalian Species 481**: 1-3.
- PEREIRA, S. G.; BORGES, D. C. S.; SANTOS, A. L. Q.; RIBEIRO, P. R. Q. & OLIVEIRA, N. M. 2016. Ocorrência de *Tapirus terrestris* (Perissodactyla, Taperidae) na região do Noroeste de Minas Gerais. *In*: VIII Encontro sobre Animais Selvagens / III Simpósio sobre Medicina e Conservação da Fauna do Cerrado. Livro de Resumos. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil, pp. 125-130.
- PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO. 2013. **Plano de Manejo da RPPN “Santuário do Caraça” Minas Gerais**. Catas Altas / Santa Bárbara, Província Brasileira da Congregação da Missão, 195 p.
- REIS, N. R.; GALLO, P. H.; ANDRADE, F. R. & PERACCHI, A. L. 2010. Técnicas de estudo de mamíferos de médio porte, de grande porte e não voadores de pequeno porte, pp. 212-224. *In*: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; ROSSANEIS, B. K. & FREGONEZI, M. N (orgs.). **Técnicas de Estudos Aplicados as Mamíferos Silvestres Brasileiros**. Rio de Janeiro, Technical Books, 275 p.
- RIBEIRO, J. F. & WALTER, B. M. T. 1998. Fitofisionomias do bioma Cerrado, pp. 89-166. *In*: SANO, S. M. & ALMEIDA, S. P. (eds.). **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina, Embrapa, xii+556 p.
- SCOSS, L. M.; MARCO JÚNIOR, P.; SILVA, E. & MARTINS, S. V. 2004. Uso de parcelas de areia para o monitoramento de impacto de estradas sobre a riqueza de espécies de mamíferos. **Revista Árvore 28** (1): 121-127.
- SEKIAMA, M. L.; LIMA, I. P. & ROCHA, V. J. 2006. Ordem Perissodactyla, pp. 227-281. *In*: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A. & LIMA I. P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina, Nelio R. dos Reis, 437 p.
- SILVEIRA, A. L. & PACHECO, S. A. 2017. Ocorrência de *Blastocerus dichotomus* (Mammalia, Cetartiodactyla, Cervidae) no Município de João Pinheiro: um novo registro de uma população provavelmente residual e ameaçada no Cerrado de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Zootecias 18** (1): 73-90.
- SILVEIRA, A. L. & PACHECO, S. A. no prelo. Ocorrência de queixada (*Tayassu pecari*), caí-titu (*Pecari tajacu*) e javaporco (*Sus scrofa*) (Mammalia, Cetartiodactyla) em João Pinheiro, Cerrado de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Zootecias** no prelo.

- SRBEK-ARAUJO, A. C. & CHIARELLO, A. G. 2007. Armadilhas fotográficas na amostragem de mamíferos: considerações metodológicas e comparação de equipamentos. **Revista Brasileira de Zoologia** **24** (3): 647-656.
- TABER, A.; CHALUKIAN, S. C.; ALTRICHTER, M.; MINKOWSKI, K.; LIZÁRRAGA, L.; SANDERSON, E.; RUMIZ, D.; VENTINCINQUE, E.; MORAES JR, E. M.; ANGELO, C.; ANTÚNEZ, M.; AYALA, G.; BECK, H.; BODMER, R.; BOHER B., S.; CARTES, J. L.; BUSTOS, S.; EATON, D.; EMMONS, L.; ESTRADA, N.; OLIVEIRA, L. F.; FRAGOSO, J.; GARCIA, R.; GOMEZ, C.; GÓMEZ, H.; KEUROGHIAN, A.; LEDESMA, K.; LIZCANO, D.; LOZANO, M.; MONTENEGRO, O.; NERIS, C.; NOSS, A.; VIEIRA, J. A. P.; PAVIOLO, A.; PEROVIC, P.; PORTILLO, H.; RADACHOWSKY, J.; REYNA-HURTADO, R.; ORTIZ, J. R.; SALAS, L.; DUENAS, A. S.; PEREA, J. A. S.; SCHIAFFINO, K.; THOISY, B.; TOBLER, M.; UTRERAS, V.; VARELA, D.; WALLACE, R. B. & RÍOS, G. Z. 2008. **El destino de los arquitectos de los bosques neotropicales: evaluación de la distribución y el estado de conservación de los pecaríes labiados y los tapires de tierras bajas.** New York, Tapir Specialist Group, Grupo Especialista de la CSE/UICN en Cerdos, Pecaríes y Hipopótamos, Wildlife Conservation Society, Wildlife Trust, xxvi+181 p.
- TALAMONI, S. A. & ASSIS, M. A. C. 2009. Feeding habit of the Brazilian tapir, *Tapirus terrestris* (Perissodactyla: Tapiridae) in a vegetation transition zone in south-eastern Brazil. **Zoologia** **26** (2): 251-254.
- VIEIRA, L. G.; PAGLIA, A. P.; LOPES, W.; OLIVEIRA, F.; M. JÚNIOR, A. J. & DINIZ, R. F. V. 2005. Ocorrência e abundância de *Pecary tajacu* registrados por armadilhas fotográficas no noroeste de Minas Gerais. **Suiforms Soundings** **5** (1): 21-23.

Recebido: 20/05/2017

Revisado: 30/06/2017

Aceito: 04/07/2017